



Infância e Violência no Nossa Senhora da Paz

Célia Regina Polesel¹

RESUMO

Contamos a história, na perspectiva dos moradores, do bairro Nossa Senhora da Paz, zona oeste de Londrina, onde o índice de violência é considerado alto. Buscamos, através da Comunicação Comunitária, o resgate e a construção da cidadania. Para a coleta de dados recorremos a entrevistas com moradores e participantes de projetos sociais no bairro, à observação participante e à realização de oficinas com as crianças. Apontamos como caminhos viáveis para a construção e resgate da cidadania a elaboração de projetos e ações que tenham por objetivo a reflexão e tomada de consciência da comunidade e a extinção de programas paternalistas que só levam as pessoas a se acomodarem e não lutarem por aquilo que necessitam.

Palavras-chaves: cidadania, infância; jornalismo; violência.

¹ Jornalista, Especialista em Comunicação Comunitária e Popular pela Universidade Estadual de Londrina, repórter da Folha de Londrina, professora da Faculdade Maringá (PR) e mestranda de Comunicação Midiática da Unesp/Bauru



Este trabalho busca fazer um retrato de um pequeno bairro de Londrina, cidade do norte do Paraná com cerca de 500 mil habitantes que nos últimos anos vem sofrendo com o aumento da violência, principalmente na periferia. O Nossa Senhora da Paz é formado por apenas quatro ruas, a menos de 10 minutos do centro, onde moram cerca de 400 famílias e que atualmente sofre com a violência presente no seu dia-a-dia. O bairro, que fica na zona oeste da cidade, já foi conhecido como favela da Bratac, empresa que fica no meio do bairro, e que trabalha com fiação de seda. Apesar de ter sido urbanizado há mais de 40 anos, a imprensa insiste em chamar o Nossa Senhora da Paz de favela.

A imprensa só vai às comunidades carentes quando há algo considerado vendável, o que hoje é sinônimo de notícias ruins ou sensacionalistas. A cidade pede uma solução para a violência, o prefeito diz que a polícia deve colocar mais policiais na rua, mas quem tem a oportunidade de trabalhar nas comunidades onde a violência se faz presente percebe que a solução deve percorrer outro caminho. Paulo Freire fala da necessidade de uma educação que parta da realidade do educando para que ele pense sobre a sua condição e busque a mudança, somente através da transformação dos moradores em verdadeiros cidadãos a mudança ocorrerá.

A história do bairro é contada na fala dos moradores do local, procuramos reproduzir da maneira mais fiel suas memórias e avaliações sobre os fatos que nos relataram. Os moradores relatam que sempre houve violência no bairro, mas era com arma branca (faca). As brigas aconteciam, porém por outros motivos, por exemplo, um comia os animais dos outros.

Eles lembram que no bairro havia muito mato e existiam drogas, mais era uma coisa mais escondida. A situação era precária, mas as pessoas trabalhavam e havia menos tráfico, eram pessoas trabalhadoras e extremamente carentes. Hoje vivem mais do tráfico, ninguém quase trabalha. A maioria dos moradores recebe algum tipo de ajuda seja da prefeitura, das igrejas ou instituições e contam que sempre foi assim.

Os moradores relatam que o tráfico tomou conta do bairro, ou seja, se intensificou mesmo há uns oito anos (1995), foi quando perceberam que mais ou menos 90% das pessoas que moravam na vila estavam vivendo do tráfico. “As pessoas começaram a

perceber que esta atividade estava dando muito dinheiro, muita gente reformou casa com dinheiro de tráfico.”

Eles contam também que o tráfico já deu muito dinheiro. “Houve um tempo em que se fazia muita festa junina na vila, com montagem de barraca e tudo o que se tem direito, mas como as pessoas de fora têm medo de entrar no bairro ficava só o povo dali mesmo, já houve festa que rendeu quase R\$ 10 mil em uma noite. Há uns cinco anos (1998), a barraquinha da igreja teve um lucro de cerca de R\$ 4 mil, deu para comprar aparelho de som, microfone, cálice.”

O grande problema detectado pelos moradores hoje é o que o tráfico é comandado pelos adolescentes. “O comando do tráfico hoje é feito por adolescentes, não tem gente mais velha envolvida nisso.” Os moradores acreditam que o tráfico está diminuindo, mas a violência não. A maioria dos adolescentes envolvidos no crime tem arma. “Vejo adolescentes que conheci quando criança matando, com arma na mão, anda armado, mostra para gente como se fosse uma grande façanha. E não são essas arminhas não, esses 38, são armas potentes tipo K-9, 9 milímetros, são armas de fogo de qualidade, melhor que da polícia.” Essa é a constatação de quem vive o dia-a-dia do bairro.

Em 2002 aconteceram no bairro disparos de tiros, assassinatos e batidas policiais. O bairro é pequeno e os moradores se sentem bastante discriminados em vista da forma como são retratados pelos meios de comunicação locais. A imprensa só aparece no Nossa Senhora da Paz para falar da violência, das mortes e crimes e não tem a preocupação de retratar que ali também moram pessoas que trabalham e que estão tão assustadas com a violência como o restante da população. Essas pessoas também são cidadãos e merecem ser tratadas com todo o respeito e dignidade, apesar de em alguns momentos se constatar que eles próprios se acomodaram.

A idéia de que o Estado deve prover todas as necessidades do cidadão de modo assistencialista pode levar ao comodismo e à dificuldade para promover a mudança. Alguns moradores do Nossa Senhora da Paz notam que na comunidade há muita espera pela solução que venha do poder público quando este alguma vezes está preocupado apenas com a manutenção de seu poder.



Mas não podemos nos esquecer que “a cidadania não é uma coisa que se adquire por mérito. É um fato ao qual se atribui significado, e esse significado pode variar de indivíduo para indivíduo.” (CANIVEZ, 1991, p. 19) Por isso acreditamos que a cidadania não pode ser dada a ninguém ela precisa ser conquistada a partir da conscientização de cada pessoa de seus direitos e deveres. É necessário que cada um lute tanto pelos direitos individuais como coletivos, porque na luta pelo coletivo podemos ter a esperança que nossos direitos também estarão garantidos.

A participação da comunidade é fundamental para que ela se sinta envolvida e responsável pela busca de soluções para os problemas, tendo consciência que a cidadania não pode ser dada, mas sim deve ser conquistada. É preciso buscar formas de incentivar a participação, mas é necessário que se entenda a realidade vivida para que a partir dela se faça a discussão de como transformar essa realidade e buscar a cidadania plena.

Paulo Freire defende que a partir da realidade vivida pelas pessoas podemos fazê-las entender qual o seu papel na realidade social que a cerca e com a conscientização de que a mudança é possível a partir delas mesmas podemos ter a esperança de que uma sociedade mais justa e igualitária seja construída. Freire acredita na utopia, não como algo impossível de acontecer, mas como algo que precisamos ter em mente e trabalhar para a sua realização. Sem sonho, sem utopia tudo já estaria terminado.

No trabalho desenvolvido no Jardim Nossa Senhora da Paz buscamos, partindo da realidade de violência e exclusão social que vivem, discutir formas para que seus direitos sejam respeitados na busca pela cidadania plena. Para isso é fundamental que a cultura seja respeitada, que experiência de vida e as formas de ver e decodificar o mundo sejam entendidas por todos.

Freire defende que o homem, assim como o mundo em que vivemos, é inacabado tomando-se isto como verdadeiro sempre há esperança de mudança. O homem inacabado poder ser transformado e transformar o mundo, criando uma sociedade mais justa e igualitária. Para isso a educação tem um papel fundamental, mas não a educação hoje praticada na maioria das instituições do País. Educação tem que ser libertadora e transformadora.

Dada a realidade de violência vivida no bairro é uma preocupação entender o significado e como ela funciona no dia-a-dia. O conceito de violência não é um consenso. No senso comum ela aparece como sinônimo de agressão. Para Johan Galtung (Mendez, 1998, p. 126), estamos diante da violência quando o desenvolvimento efetivo da pessoa no plano físico e espiritual torna-se inferior ao seu desenvolvimento potencial. Em outras palavras



quando a sua possibilidade de desenvolver-ser foi impedida. Nestes termos a violência é definida como a causa da diferença entre realidade e potencialidade.

Tomando-se essa definição poderíamos dizer que hoje no país uma grande parcela da população, senão a sua maioria, está submetida à violência. A falta de alimentação, saúde, escola, moradia, trabalho impede o desenvolvimento das potencialidades. Isso sem falar da exclusão social, que coloca muitos jovens em situação de risco, sujeitos a serem cooptados pelo crime, que em muitas regiões do país assume o papel do Estado.

Mas existe uma área muito ampla de violência, não reconhecida e que não é, pelo menos concretamente, punida. Andréa Damacena e Edy Arnoud (2001) colocam que seria a violência ‘naturalizada’ por ser identificada com as relações patriarcais dentro da família, sociais e de trabalho de tipo classista-hierárquico racista ou sexista e estruturas e poder político e nas relações de exclusão/inclusão.

No Jardim Nossa Senhora da Paz os moradores reconhecem a existência da violência que os autores chamam de natural e percebem o seu reflexo nas crianças. A violência dentro de casa é uma coisa velada. É muito comum, nas poucas famílias onde o pai está presente que ele bata na mãe e nos filhos, na grande maioria os agressores usam drogas, consomem álcool. As próprias crianças incorporam a violência nas suas relações a maneira mais comum de resolverem suas diferenças é por meio da briga, da agressão, isso pôde ser constatado durante a realização de nossa pesquisa.

As crianças são testemunhas da violência e a vivenciam inclusive com seus familiares. Ouvimos histórias relatadas por elas e que deixam muitas seqüelas, principalmente psicológicas, várias crianças têm problemas de fala, de comportamento. Para que o combate à violência seja efetivo é preciso que a realidade, que acreditamos ser socialmente construída, seja modificada. Os cidadãos têm que se perceber como cidadãos de direito e o principal deles é o direito a ter direitos. E que esses serão construídos através do diálogo e do compartilhamento das referências e universos dos sujeitos dessa sociedade. Porém o que se verifica é que há uma associação entre pobreza e violência.

Essa situação tem implicações para as camadas mais pobres da população, obrigadas a conviver com uma realidade onde não só não são defendidas pelo Estado, mas que produz discriminação e repressão. É crescente a submissão ao poder dos criminosos uma vez que são eles que garantem a realização das necessidades básicas da população e ainda são uma garantia de emprego.

Acreditamos que a mudança desse quadro é possível, com a discussão do que é cidadania, com trabalhos sérios que valorizem o ser humano e construam o respeito à diferença. Na atual conjuntura de globalização praticada no mundo as idéias sobre mudança da sociedade poderiam ser consideradas impossíveis e que a pobreza e a exclusão são partes inexoráveis do processo, porém se levarmos em consideração que o que hoje está posto foi construído socialmente pelo homem podemos crer que este mesmo homem pode transformar a realidade. Não somos ingênuos de acreditar que esse

processo é fácil ou rápido, mas as várias experiências vivenciadas principalmente com as populações de periferia mostram que isso é possível.

A confecção de leis como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) mostra essa possibilidade pois foram pautadas em experiências que deram resultado. O ECA do Brasil foi aprovado em 13 de julho de 1990 e dispõe sobre a proteção integral das crianças e adolescente e é considerado um grande avanço dentro da legislação. Segundo Eugênio Garcia Mendez (1998) foi a primeira vez que uma construção de direito positivo vinculado à infância-adolescência rompeu explicitamente com a chamada doutrina da situação irregular, substituindo-a pela doutrina da proteção integral, também chamada doutrina das Nações Unidas para a proteção dos direitos da infância.

A legislação, no entanto, apesar de todo o avanço não é colocada em prática na sua integralidade. A questão que se coloca é por que motivo isso ocorre? Um dos fatores talvez esteja na realidade cultural vivenciada no país. A cultura ainda predominante em grande parcela da população é que somente através de medidas coercitivas se poderá resolver problemas que na verdade são gerados pelo modelo econômico e político adotado. Sérgio Adorno resume em três pontos as dificuldades para implantação de ECA: 1) requer alterações profundas na filosofia e nos programas de trabalho dos órgãos de assistência à infância; 2) as rotinas e procedimentos técnicos e administrativos precisam ser considerados meios e não fins, substituindo-se a rotulação e o confinamento por ações sócio-educativas; 3) é preciso haver conexão e coordenação entre os serviços e as políticas de diferentes ordens, sob a fiscalização de Conselhos Tutelares (RAMOS, 1999, p.45-46). Mas principalmente há a necessidade de mudança na mentalidade social. Os responsáveis pela garantia de direitos individuais e coletivos das crianças e adolescentes – Ministério e Defensoria Pública, Magistratura e Segurança Pública – precisam garantir os direitos individuais e coletivos dos jovens e ao mesmo tempo punir os transgressores.

Nos últimos anos o governo tem se retirado totalmente do que é sua responsabilidade, jogando esses problemas para a sociedade buscar as soluções. Não estamos falando de políticas paternalistas que abrandem os problemas momentaneamente, mas de soluções definitivas para algumas questões. As crianças e adolescentes precisam de atenção integral, satisfação de suas necessidades básicas garantidas por lei, mas cabe à sociedade em seus espaços de discussão e reivindicação cobrar que a legislação seja cumprida, porém enquanto a sociedade não entender esta legislação como sua isso não ocorrerá.

Porém o que se constata é que a sociedade atual é marcada pelo individualismo (no sentido negativo da palavra), pelo egoísmo e pela indiferença diante do outro que não reconhecemos como ser humano, mas como coisa. Só passamos a prestar atenção à realidade quando ela ameaça nos atingir e mesmo assim não como realidade da qual fazemos parte e pela qual somos responsáveis, mas como a realidade na qual o outro vive não nosso igual, mas o outro como o diferente, o desigual, o não-nós. Portanto o que tem valores e hábitos estranhos, os quais nós qualificamos negativamente, porque os nossos hábitos e valores é que são bons, positivos, justos.

Nesse sentido podemos notar que a periferia da cidade é vista como o local onde os problemas e a violência estão. É lá que eles acontecem e quando ocorrem em outro local afirma-se que os responsáveis são os moradores daquela localidade. Na questão



específica da violência, presente no Nossa Senhora da Paz, há uma grande dificuldade da sociedade em reconhecer que este é um problema de todos e que a solução passa por uma mudança na própria sociedade. As matérias feitas pelos veículos de comunicação contribuem para essa estigmatização ao retratarem apenas as coisas negativas que ocorrem no bairro, ao tratarem a violência como algo restrito ao local e não buscarem as causas do problema e principalmente as soluções e bons trabalhos realizados demonstrando que a sociedade também precisa realizar mudanças para que as soluções aconteçam.

A única forma de combater a exclusão social é a prática de políticas de inclusão onde a intolerância e a indiferença sejam substituídas pela solidariedade, pela igualdade e pelo reconhecimento da diferença, como algo que nos torna únicos, não como motivo para justificar a exclusão.

Nas observações feitas no trabalho desenvolvido pelos educadores do projeto VivaVida com as crianças do bairro notamos a necessidade de construção de um espaço de diálogo onde elas possam discutir a realidade onde vivem. Para que possam expressar de alguma forma a violência e morte que presenciam todos os dias e desta forma tenham como refletir sobre o problema e na reflexão encontrar maneiras de transformar o que vivem.

Acreditamos que o ponto de partida seria a construção da identidade destas crianças como o colocado pela psicologia social: identidade como o ponto de referência, a partir do qual surge o conceito e a imagem de si, de caráter mais restrito.

Mas é preciso lembrar que a identidade se constrói na objetividade, ou seja, na realidade concreta, no vivido. Não há separação, mas articulação, em que os limites entre o social e o individual se confundem. Para existir um, são necessários dois, sobretudo em se tratando do homem ser reconhecido como tal; o homem só se vê como homem se os outros assim o reconhecerem. Sob essa perspectiva, é possível conceber identidade pessoal como social, pois é preciso que o outro nos reconheça como humanos para que possamos existir. É preciso que o outro nos reconheça na personagem que estamos representando para que ela se torne real.

No bairro Nossa Senhora da Paz existem muitos projetos que pretendem auxiliar no melhor desenvolvimento da comunidade, partindo principalmente do atendimento às crianças e adolescentes. Um desses trabalhos é desenvolvido pela prefeitura municipal, o projeto VivaVida.



O projeto funcionava inicialmente no centro comunitário do bairro, que foi atingido por disparos no início de 2002. Depois passou a funcionar no salão paroquial da igreja do Jardim do Sol, bairro vizinho ao Nossa Senhora da Paz.

No projeto são atendidas cerca de 150 crianças nos dois turnos, e desenvolvem atividades em forma de oficinas como teatro, dança, capoeira, hip-hop, artes plásticas, poesia e outras, sob a orientação pedagógica e psicopedagógica na perspectiva da educação alternativa voltada à cidadania.

No Nossa Senhora da Paz constatamos que ainda falta um trabalho de sensibilização maior da comunidade para que veja o projeto como seu, uma vez que senão houver esse sentimento o risco de que ele termine após a eleição de um outro grupo para governar a cidade é grande. Para os integrantes esse é um risco que precisa ser analisado e se deve buscar alternativas para que o trabalho desenvolvido até agora não se perca.

Os envolvidos no projeto contam que o trabalho com as crianças é feito no sentido da orientação, mostrar para eles alternativas, que nem todo mundo vive como as pessoas do bairro. As informações e as opiniões dos integrantes do projeto foram obtidas por meio de entrevistas e conversas, não identificaremos nenhum deles para evitar possíveis retaliações ou cobranças pelas opiniões emitidas.

Na opinião de um dos entrevistados a desestruturação do bairro e a violência chegaram a um nível alto por causa do comodismo dos moradores. “Eles não são acostumados a lutar por aquilo que querem, a partir do momento que você luta por aquilo que quer você desperta, está trabalhando, está lutando para conseguir tudo com o suor do seu rosto. Eles querem essa facilidade quanto mais você dá mais eles querem.”

Nota-se que há uma responsabilização maior da própria comunidade pela situação que vive, é preciso levar em consideração que os moradores estão inseridos em um processo e em uma sociedade que dita valores e formas de agir, então é necessário um trabalho de reflexão, de discussão para que os próprios moradores percebam as mudanças que precisam ser feitas e busquem maneiras de implementar as transformações.

No trabalho com as crianças fizemos atividades como produção de textos, desenhos e conversas gravadas onde eles ouviram suas vozes no gravador, falaram e cantaram. As músicas normalmente são raps que falam da violência, das drogas, da vida na cadeia. A grande maioria, cerca de 80%, têm parentes na prisão, muitos dizem que os que estão presos fizeram coisas erradas e por isso têm que pagar pelo erro, mas muitas vezes esse



discurso soa como a repetição daquilo que estão acostumados a ouvir de outros e não o que realmente pensam.

Na oficina de produção de textos trabalhamos primeiro com histórias sobre atividades ou passeios interessantes que fizeram. No início, houve alguma resistência porque elas achavam que não havia nada de interessante para contar, outras não queriam escrever por terem dificuldades com a escrita. Verificamos que algumas crianças, mesmo estando na quarta, quinta séries, têm muitos erros em palavras simples, acreditamos que isso se deve a deficiências na alfabetização. Como resultados tivemos histórias de família, como aniversários, festas, brincadeiras realizadas por eles com amigos e aventuras imaginárias onde eles se vêem como heróis, forte e corajosos.

Em outra atividade fizemos as crianças entrevistarem umas as outras, elas gostaram bastante e ilustraram os textos com desenhos, notamos que elas têm receio de falar sobre a violência diretamente, acreditamos que isso se deve ao medo de serem repreendidas, por não haver um espaço construído para essa discussão, ou ameaçadas por quem está envolvido com o crime. Nas rodas de conversas que fizemos dentro das oficinas muitas revelaram que têm parentes presos, que têm saudade e gostariam que sássem da cadeia logo. Algumas contaram que rezam por eles todas as noites, outras que choram ao verem as fotos e sentem muita saudade. Mas é muito difícil fazer com essas crianças falem de seus sentimentos livremente, sentimos que há uma barreira quanto a esse assunto, acreditamos que isso é uma maneira de se proteger, não demonstrar sentimento é ser forte e quem é forte não pode ser atingido.

Fizemos também algumas conversas sobre que profissão gostariam de exercer e verificamos que a maioria não pensa em fazer curso superior, essa é uma realidade distante para eles. Falam em ser jogador de futebol, modelo, cantor, empregada doméstica, costureira. Notamos que havia muita curiosidade sobre algumas profissões e procuramos conversar com eles esclarecendo as dúvidas e fazendo-os pensar sobre o que desejam, seus sonhos e a forma de realizá-los, mostrando que mesmo sendo trabalhoso vale a pena lutar por aquilo que desejamos.

No dia-a-dia com elas percebe-se que têm uma necessidade de carinho e contato físico, mas como não sabem como serão recebidas as formas de testar você são as mais diversas, como agressões, comentários maldosos, enfrentamento daquilo que você coloca como atividade. Os limites são sempre testados, muitos educadores não estão preparados para a situação. Um deles chegou a puxar a orelha de um dos meninos, em todas as atividades que desenvolvia queria uma disciplina que não faz parte da vida dessas crianças, claro que temos que tentar colocar em prática a disciplina, o respeito à vez do outro, os limites, mas tudo precisa ser feito com medida e sabendo-se que os resultados serão pequenos e virão a longo prazo. O imediatismo de alguns deles fez com que não agüentassem o trabalho e abandonassem o projeto ou fossem demitidos.

Outros educadores eram muito complacentes tratando as crianças como pobres coitadas por viverem em um ambiente de violência, com famílias desestruturadas. Esse tipo de atitude também não contribui para mudanças, porque trabalha com o assistencialismo, que ao invés de levar a uma reflexão sobre a realidade vivida, faz com que as pessoas fiquem esperando que os outros resolvam os problemas delas.



Em nosso trabalho com as crianças verificamos que muitos estão condicionados a responder aquilo que acreditam que as pessoas querem ouvir, não o que realmente pensam. Os sentimentos também dificilmente são expressos, por medo da rejeição, de serem humilhados pelos outros. O uso da força e da chacota estão muito presentes. Algumas crianças são isoladas pelas outras por conta de desavenças entre os pais, por denunciarem aqueles que fazem coisas erradas e essa é uma atitude muito grave para eles.

No projeto há um momento chamado roda da conversa, logo após o café da manhã, todos se sentam no chão e há espaço para a conversa, pudemos constatar que é um espaço para se resolver conflitos, passar recados, apresentar pessoas, mas as crianças não vêem aquele como um espaço para elas se manifestarem, só falam se forem instigados ou interrogados pelos educadores. Acreditamos que esse espaço é importante, mas é preciso utilizar mecanismos para que as crianças se apropriem dele.

O trabalho desenvolvido pelos educadores apesar da falta de estrutura e assistência adequada tem trazido resultados. A falta de um projeto pedagógico que defina formas de trabalho e linha adotada, por exemplo, trabalhar com o método de Paulo Freire, que parte da realidade vivida, que respeita as histórias e valores e a partir deles promove a reflexão para as mudanças, seria uma das maneiras de selecionar e auxiliar aqueles que vão desenvolver o trabalho com as crianças dando a elas a oportunidade de construir seu próprio conhecimento e ser o agente da transformação, somente assim as conquistas serão valorizadas e a cidadania exercida de forma plena e verdadeira. As mudanças na forma como as crianças utilizam os materiais, comem, fazem as atividades refletem os frutos obtidos por eles.

Análise dos dados

Durante o trabalho procuramos, através de atividades lúdicas, como brincadeiras, leitura de histórias, desenhos tratar do respeito à diferença, valorização das qualidades de cada um, melhora da auto-estima, mas temos consciência que é apenas o início de um trabalho que precisa ter continuidade para que possa ter algum fruto. Temos consciência que apenas iniciamos o trabalho e que há muito por se fazer, mas é preciso um trabalho de base que provoque o envolvimento de toda a comunidade.

Constatamos que os problemas são muitos, mas quisemos mostrar que mudanças são possíveis, porém é preciso que a sociedade se veja como responsável pelas transformações, tanto os moradores como todos os londrinenses são parte do processo de construção da sociedade e se hoje a violência está presente na cidade a responsabilidade é de todos. Este objetivo foi cumprido na medida em que pudemos contar a história do bairro sob a perspectiva dos moradores e também ao mostramos o que está sendo realizado dentro do projeto VivaVida. Constatamos também que o poder público precisa melhorar sua atuação e todos os que se dispõem a fazer algo precisam entender que o assistencialismo não é a solução. É importante que os trabalhos sejam realizados dentro da metodologia



proposta por Paulo Freire e a comunicação comunitária onde se parte da realidade dos moradores, dos participantes dos projetos buscando a troca de experiências, a reflexão sobre os problemas e depois a busca por soluções. Nesse tipo de abordagem o diálogo é a base da transformação porque respeita as diferenças e leva à reflexão e a ação dos envolvidos de forma consciente e tendo objetivos específicos que beneficiem a todos.

Vimos que projetos como o VivaVida são importantes e estão obtendo resultados, mesmo havendo falta de estrutura adequada, apoio psicológico aos envolvidos e projeto pedagógico para orientação das atividades. Acreditamos que mudanças e melhorias podem ser feitas, como projetos que levem os moradores a refletirem sobre suas condições de vida, sobre formas de mudar a realidade, pois somente com a modificação das condições de vida poderá haver transformações positivas. Para que o resgate da cidadania aconteça é necessários que os projetos da administração pública sejam feitos com base em projetos sérios que estimulem a discussão e a reflexão e não programas paternalistas que funcionam apenas como paliativos para os problemas e levam as pessoas a se acomodarem esperando que outros resolvam seus problemas. A falta de perspectiva, de sonhos, de possibilidade de conseguir um emprego digno e que dê condições de sustento para a família são condições desfavoráveis para mudança. A valorização do indivíduo e da comunidade por meio de projetos concretos de criação de renda, a diminuição de projetos assistencialista que apenas dão sem que o indivíduo tenha que construir nada precisam ser aos poucos eliminados.

A criação de espaços onde as crianças possam ter contato com outros valores, outras perspectivas e possam fazer opções tendo respeitados seus conhecimentos, histórias e valores são necessários. Dentro das oficinas por nós realizadas demos os primeiros passos para a construção e resgate da cidadania começando pelo resgate da auto-estima, da confiança das crianças em seu potencial e no seu direito à escolha de outros caminhos.

A sociedade precisa assumir sua responsabilidade sobre o avanço da violência na cidade e parar de acreditar que somente o aumento do efetivo policial ou diminuição da idade penal vão resolver o problema. O problema requer reflexão, consciência e mudanças profundas na sociedade. A solidariedade precisar esta presente no nosso dia-a-dia é por meio dela que podemos nos sentir parte integrante tanto do problema como da solução, mas ela deve ser o primeiro passo para a ação e a proposição de transformações na sociedade e não para a continuidade do assistencialismo. A semente está sendo plantada e é preciso o envolvimento da população de Londrina para que os frutos sejam



os melhores e as mudanças ocorram de forma efetiva, com consciência e participação de todos.

REFERÊNCIAS:

Arquivo Jornal Folha de Londrina

AUGUSTO, Cinara. *Pesquisa, Recepção e Propaganda: Desvios e Desafios*. In PRADO, José Luiz e TRIVINHO, Eugênio. *Sociedade Midiática*. Santos, Unisantos, 2000.

BARROS, Mari Nilza Ferrari e LAURENTI Carolina. *Identidade: Questões Conceituais e Contextuais in PSI Revista de Psicologia Social e Institucional*, v.2; n°1; p. 37-65; junho de 2000; Londrina.

BARROS, Mari Nilza Ferrari. *Cidadania, Alteridade e exclusão social*. Texto elaborado para o III Congresso Norte-Paranaense de Recurso Humanos, outubro 2000, Londrina.

BOCK, Ana M. M.; GONÇALVES, Maria da Graça M. e FURTADO, Odair. *Psicologia sócio-histórica : uma perspectiva crítica da psicologia*. SP: Cortez, 2001.

CANIVEZ, Patrice. *Educar o Cidadão?* Campinas:Papirus,1991. p.15-31.

CARVALHO, José Murilo. *Cidadania no Brasil. O longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p.17.83.

COGO, Denise. *Comunicação Popular: uma retrospectiva*. Revista Universidade e Sociedade, ano VI, no. 11 – Andes, junho de 1996, p. 146- 150.

DAMACENA, Andréa e ARNAUD, Edy. *Violência no Brasil:representações de um mosaico*, in Cadernos CERIS – Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais. Ano I – no. 1 – abril de 2001.

LIMA, Venicio Artur. *Comunicação e Cultura: As idéias de Paulo Freire*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

MARTINS, José de Souza. *Exclusão Social e Nova Desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.p.25.39.

MEKESENAS, Paulo. *Cidadania, Poder e Comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002. p.177.226.

MENDEZ, Emílio Garcia. *Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil. Da Situação Irregular à Proteção Integral: Uma Visão Latino Americana. Brasil: de Infâncias e Violências. In Infância e Cidadania na América Latina*. São Paulo, Fundação Airton Sena/ Hucitec, 1998.

Panfleto informativo sobre o Projeto VivaVida

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. *Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania*. Revista Fronteiras – estudos midiáticos. Vol. III número 1. Setembro de 2001.p.112.128.

_____. *Comunicação Popular em seus aspectos teóricos*. In *Comunicação e Cultura Populares*. Coleção 675 – Intercom no. 65, 1995, p. 27-43

_____. *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 73-111 e 288-292.

RAMOS, Lílian Maria Paes de Carvalho. *Educação de Rua: o que é, o que faz, o que pretende*. Rio de Janeiro: Amais Livraria e Editora Ltda, 1999.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

SOUSA, Mauro Wilton. *Novos Cenários no Estudo da Recepção Mediática*. In PRADO, José Luiz e TRIVINHO, Eugênio. *Sociedade Midiática*. Santos, Unisantos, 2000.



_____. Sujeito o lado oculto do receptor. São Paulo, Brasiliense, ECA/USP, 1995.

THIOLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. Coleção temas básicos da pesquisa-ação. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 2000.